

Relatório das atividades nos últimos tempos

(Alvaro Fernandes Sampaio - Tukano)

1 -) Alvaro Tukano, Dico Sateré Mawé e Juruna em Genebra - Suíça.

No dia 26 de julho, eu e Dico Sateré fomos chegando no mundo dos brancos europeus. Depois de muitas horas de vôo chegamos em Paris - França. No aeroporto paramos umas três horas e, por motivos políticos tivemos que nos encontrar com a antropóloga Simone que esteve na terra dos Sateré Mawé, no tempo de muito conflito que uma empresa multinacional francesa causou danos aqueles índios. Dico fez reportagem no maior jornal de França, comemos alguma coisinha e depois seguimos a Genebra - Suíça.

O primeiro problema que defrontamos foi na saída, porque os nossos passaportes não tinham carimbo do Central do Brasil onde tinha que ser dito a quantidade de dinheiro que a gente poderia ter, e, essa obrigação tinha que ser de 500 dólares. Nós não tínhamos os 500 dólares, porque a nossa viagem não foi custeada por nenhuma entidade ou instituição nacional e estrangeira. A minha bolsa que fora negociada no ano passado junto com Pastor Sillas Franco, do Grupo de Trabalho Missionário Evangélico, foi utilizada para nossa viagem a Genebra e que custou 3.250 dólares.

Essa bolsa me foi dada para fazer o trabalho de articulação política junto com a comunidade envolvente e dos índios. Assim, as minhas viagens a Brasília e outros lugares por onde houveram os encontros de lideranças indígenas e como gastos pessoais, me valeram graças à bolsa do GTME. Portanto, o espaço que a gente conseguiu junto ao cenário político nacional se deve ao trabalho de articulação e de muito sofrimento que pisamos no meio de tanta confusão e, infelizmente, por muitas vezes, fomos ditos como pessoas não representativas da União das Nações Indígenas - UNI por algumas pessoas de uma das entidades que apóia a luta indígena no Brasil. Também, mesmo por parte de um de nossos companheiros fomos dito que índios que vivem na cidade não deve falar em nome de índios. Essas lamentações não nos dobraram, porque não iludimos dentro do movimento indígena e, por isso, não podemos aceitar dentro de nosso movimento as normas de imposição ou intretações mesquinhas que intentam para definir a vida de índio.

Pois não, a nossa ida a Genebra foi para desfiar os pensamentos de muitos que duvidam de nossa capacidade, como por exemplo, os presidentes da FUNAI fazem roteiro de rodízio, na entrada e na saída do poder mas, que não solucionam os nossos problemas.

Um dos pontos que nos tem sensibilizado muito dentro do movimento indígena, no Brasil, é que muitos funcionários da FUNAI não conseguem ter mais simpatia dos índios. A FUNAI é como fosse um papel molhado do ESTADO, isto é, não está mais tutelando o índio. O índio pisando nessa folha molhada, facilmente pode furá-la. Entendo que, a questão indígena no BRASIL vai crescendo aos pouco. Por isso, quando ficamos detidos na alfandega durante três horas ficamos conversando com Dico sobre a FUNAI e da falta de compreensão do mundo capitalista que exploram as nossas terras e que ultrapassam das fronteiras.

Outro companheiro do movimento indígena que se encontrou nessa reunião foi o Mário Juruna com sua esposa. A viagem dele foi paga por uma instituição, também, da mulher dele. O que nos adiantou no encontro, antes de nossa ida a Genebra, com companheiros do movimento indígena é que houve certo desentendimento, porque segundo os companheiros, no lugar da Doralice poderia ter ido outro índio que tivesse uma postura política. Foi o que aconteceu na europa, isto é, houve pouca vontade por parte do Juruna e de sua esposa como sustentar a luta indígena. A falha do Deputado foi mais no sentido de aparecer ou seja, de promoção das entidades e vice-versa e, enfim terminou levando uma confusão. Essa confusão eu tive que sustentar para limpar o nome do movimento indígena no meio de outras organizações mais estruturadas. O Juruna levou um Projeto JURUNA, isto é, já escrito em inglês e, sem dúvida, com orçamento. Pois não, entre muitas a gente teve que segurar a barra.

Eu respondi pelo movimento indígena - UNI, o Dico respondeu pela UNI Norte e de modo especial dos Sateré Mawé. O Dico não pode falar no plenário da ONU, porque as línguas oficiais eram: Chinês, espanhol, francês e inglês. Quem falou, como caso excepcional por ser deputado e presidente da Comissão do Índio, no Congresso Nacional, foi só o Juruna. A tradução foi paga pelos companheiros de IWGIA e, onde falamos juntos foi na imprensa. Assim, as coisas do movimento brasileiro teve mais respaldo, porque a gente tivemos que articular juntos.

No meio de muitas organizações, estiveram dois representantes dos índios da Bacia Amazônica (Peru e Equador). Eram eles, o Evaristo Nugkuag Ikanan, Presidente de Asociacion Interetnica de Desarrollo de la Selva Peruana - AIDSESP.

Endereço: Los Mogaburos 245

Jeus Maria Telf. (005114) 235947

Lima - Peru.

Outro era o Alfredo Gualinga Viteri, Presente das Confederações das Nações Indígenas da Amazônia Equatoriana.

Endereço: Consejo Nacional de Coordinación de las Nacionalidades Indígenas del Ecuador - CONACNIE

Apartado 4180

Quito - Ecuador Fone:.....(Obs. Depois eu dou.)

Assim, a UNI já tinha contato com outros índios do mundo Amazônico que tem problemas específicos e que jamais foram vistos com seriedade. A decisão tomada por nós, é que a gente formamos uma comissão de organizações indígenas, isto é, não queremos que outros de fora tomem as decisões em nome da gente. A crítica e a aprendizagem que aprendemos com companheiros do Instituto Indigenista Interamericano, a gente percebeu que eles vivem falando em nome da gente e que fazem projetos de trabalho e convênios sem a gente saber. Outros companheiros que merecem a nossa crítica foram as pessoas de CISA, porque vimos que les não devem falar em nome da gente ou fazer Projetos e centralizar o poder manipulativo em cima dos movimentos indígenas. Assim, sem contar muita coisas que merecem destaque, hoje, somos membros das organizações que estão em vias de consolidação. O objetivo dos índios da Amazônia é juntar todos companheiros para discutir juntos e fazer planos de trabalho e participar nos programas de governos, sem distinguir ninguém. Nós queremos ter um espaço próprio na vida política dos governos, porque não aguentamos mais imposições das explorações em nossas terras. Por isso, fizemos presença na ONU, porque aos poucos vamos ser Uma Comissão de Assuntos Indígenas, o órgão não governamental. Foi preciso, portanto, fazer contato com imprensa europeia para denunciar os abusos dos governos em nossas terras.

II -) Quando voltei da europa, temos discutido com alguns companheiros a respeito do nosso trabalho. Conseguimos articular as regionais da UNI no Nordeste e Udoeste da Amazônia. Outros companheiros da UNI sempre tem conversado conosco por telefone, em casos de urgência. O movimento cresceu, graças ao trabalho de articulação em conjunto com companheiros das entidades.

III -) Viagem ao Norte.

Na europa a gente denunciou muita coisa, até fizemos contato com membros da Parlamento Europeu para investigar os financiamentos ao governo brasileiro ou seja, aos governos da Amazônia. Isso teve respaldo, porque eles nos prometeram de vir ao Brasil e, em outros lugares para ver se é verdade ou não.

A nossa última entrevista foi em Pari, na Rádio Internacional e na imprensa. Assim, depois de pouco tempo veio uma comissão de jornalista e outros para visitar a Amazônia. Eram 14, todos bem interessados. Eles pagaram a minha viagem de ida e volta a Manaus. Eu fui em Manaus e, devido muito em da hora, não me foi possível articular com companheiros do interior. O que tenho conseguido fazer foi de conversar com parentes mais próximos do Rio Negro e outros que se encontravam na Casa Indio. Consegui conversar com mais de 300 companheiros, mulheres e homens. Fizemos reunião durante três dias e falamos da FUNAI. Enfim, houve protesto dos índios em relação a Delegacia, onde, segundo eles, eu era delegado. As reivindicações não foram aceitas. Foi preciso a minha vinda para Brasília e negociar com Nelson Marabuto, presidente da FUNAI. Ele me enrolou e depois de muita malandragem fui indicado para assumir a Casa do Indio, em Manaus. Essa nomeação me fez mal, porque contra o continuísmo de autoritarismo nesse órgão. Também, o Juruna esteve presente nessa reunião onde me cobrou a prudência na luta e me colocou numa situação crítica em relação a UNI. Respondi-lhe que o movimento existe e que não precisa de papai ou de decisão de uma só pessoa em nome dos índios. Foi muita coisa que falamos, mas não muito objetivas. Em Manaus a gente denunciou as malandragens do Gilberto Mestrinho, a violência, a ganância e a mentira em cima do povo.

IV -) UNI na reunião do Conselho Mundial dos Povos Indígenas.

Pela primeira vez a UNI conseguiu conjugar melhor o trabalho de articulação, porque conseguimos enviar uma delegação de nosso movimento. Foram três companheiros: Ailton Krenak, Bira-ci Yauanauá, José Apolonio Xocó e voltaram com mais experiência.

Essa reunião foi no Panamá, foi a quarta assembléia mundial dos povos indígenas e que nela se encontraram uns 500 líderes do mundo inteiro.

V -) UNI discutiu os planos de trabalho para próximo governo junto com as pessoas envolvidas na luta. Também a UNI teve que mobilizar os companheiros. Essa reunião foi em Brasília e outra em Belém. De Belém eu respondi pelo movimento indígena e, infelizmente, não me encontrei com nenhum índio do Pará. Só encontrei rei com Pe. Nelo do CIMI e com uma freira. Falamos como que estamos vendo a FUNAI e deu para se entender alguma coisa.

Os documentos feitos nessa reunião foram encaminhados ao grupo de deputados do PMDB que ficaram de levar uma proposta de trabalho ao Tancredo. E, como não se viu outros índios daquela região não ficou claro a posição da UNI, pois merece mais uma discussão com outros companheiros.

VI -) A preocupação que nós sentimos em relação a FUNAI não é muita coisa, porque a UNI vai saber levar a luta em conjunto. A articulação dos indigenistas na FUNAI, não nos corresponde, porque os índios sabem o que querem. A presença de funcionários na FUNAI não nos traz nenhuma satisfação, porque eles nunca vão estar inteiramente ao lado do movimento indígena. Como uma pessoa que tem patrão (FUNAI) pode ajudar o índio? Como os índios podem acreditar mais no trabalho de certos elitistas, quando na verdade nós não somos matérias para politicagem? Quando acontecem essas coisas a gente não sente como iguais, porque os que mexem com índios parecem como patrões ou donos e confundem a vida do índio. Creio que temos ser tratados como seres iguais, de acordo com o princípio da Constituição vigente:... Diante da lei, todos brasileiros, são iguais.....

São Paulo, dia 07/12/84.